



PENSAR A MODA E O VESTIR SOB A PERSPECTIVA DE “CORPOS ESTRANHOS”

Fonseca, Pedro de Souza; Mestrando; Universidade Federal de Juiz de Fora.
psfonsec@gmail.com¹

Sequeira, Rosane Preciosa; Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora;
rosane_preciosa@yahoo.com.br²

Resumo: trazemos reflexões sobre uma prática de sala de aula envolvendo a disciplina Moda e Sociedade Contemporânea. Em sintonia com a autora Guacira Lopes Louro no livro 'Um corpo Estranho' (2004), decidimos, junto com os alunos, elencar uma série de 'corpos estranhos', que sofrem um processo de invisibilidade e silenciamento por destoarem e subverterem valores morais e estéticos dominantes.

Palavras chave: Corpo; Moda; Sociedade.

Abstract: we bring reflections about a classroom practice involving the discipline Fashion and Contemporary Society. In line with the author Guacira Lopes Louro in the book 'Um Corpo Estranho' (2004), we decided, together with the students, to list a series of 'strange bodies', which undergo a process of invisibility and silence by disrupting and subverting moral values and aesthetics.

Keywords: Body; Fashion; Society.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da UFJF, propõe versar sobre os processos de trânsito entre arte e vida através de ensaios e práticas textuais experimentais. Graduado em Artes Visuais, possui trabalhos em fotografia, ilustração e escrita.

² Poeta, ensaísta e professora; doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP; atua no bacharelado interdisciplinar em Artes e Design e no programa de pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.





Tão esperta essa bichona, não basta
apenas estudar

Fraca de fisionomia, muito mais que
abusada

Essa bicha é molotov, o bonde das
rejeitada

Eu tô bonita? (tá engraçada)

Eu não tô bonita? (tá engraçada)

Me arrumei tanto pra ser aplaudida mas
até agora só deram risada

(Linn da Quebrada, “A Lenda”)

Introdução: que pode um corpo estranho?

Iniciamos este trabalho com uma epígrafe de autoria da cantora e ativista LGBTIQ+ Linn da Quebrada, a canção, intitulada, “A Lenda” – presente em seu primeiro álbum de estúdio, “Pajubá” (2017), um propício condutor para as ideias que aqui gostaríamos de sugerir e disparar. Linn conta sua história de vida, marcada por uma busca por liberdade entremeada pela violência do julgamento popular: sua família, as pessoas da rua, as pessoas da igreja, todos contrários à circulação de uma travesti pelos ambientes que habitam e frequentam. Em estrofes como ‘Ela sempre desejou ter uma vida tão promissora/ Desobedeceu seu pai, sua mãe, o Estado, a professora/ Ela jogou tudo pro alto, deu a cara pra bater/ Pois pra ser livre e feliz tem que ralar o cu, se foder’ (DA QUEBRADA, 2017), a cantora vai nos contando que procurava



para si um lugar no mundo enquanto ‘viado bicha feminina, travesti, preta, favelada’, palavras que habitam tanto sua fala quanto as suas composições³.

A busca para “ser livre e feliz”, no caso de Linn da Quebrada e de muitos outros “corpos estranhos”, que aqui procuraremos elencar e versar a respeito, é marcada por uma montagem de si que extrapola o que é esperado sócio-culturalmente enquanto norma de comportamento, estilo, gênero, sexualidade. Justamente por extrapolarem de tais premissas, recebem a alcunha de “estranhos”. E o que notamos, por parte desses sujeitos e seus corpos não-conformados, é uma desobediência, que reivindica, sim, o estranhamento, a diferença, os desejos não normativos, buscando criar novos modos possíveis para falarem de si mesmos com liberdade, onde ‘a complacência identitária desaparece’ (BLANCA, 2017, p. 41).

Atravessando a perspectiva desses corpos, procuramos um diálogo que tangencia o corpo e a moda – na perspectiva do vestir, como elementos de uma construção de individualidades que se enxergam na rua, no convívio social, entre aqueles que ‘transitam de forma rara entre a sociedade e a cultura’ (BLANCA, 2017, p. 41). A moda habita nossas investigações como constituinte das expressões de si através das roupas e dos estilos, observando a ativação política dos atos de ser, estar, usar, ousar.

Travamos esse diálogo de novos possíveis dentro de sala de aula, durante a disciplina “Moda e Sociedade Contemporânea”, oferecida no Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) durante todo o primeiro semestre de 2018, ‘adotando uma visão mais adequada à modernidade tardia, em que se fala em flexibilidade, pluralidade, fluxo, atravessamentos, fragmentos, contradições, das quais poderiam emergir novas identidades sociais’ (THÜRLER; TRÓI; GARCIA, 2017, p. 25).

³ Apropriadas por Linn da Quebrada e muitos outros artistas e anônimos LGBTQI+ , tais expressões se apresentam como enfrentamento ao julgamento popular, dos que as utilizam de maneira pejorativa, no intuito de diminuir a existência daqueles que ousam se diferenciar.



Como previsto em sua ementa, a disciplina trata da estilização de modos de vida e sua influência na Moda, num contexto de contestação de comportamentos, que adquirem força diante das transformações sociais, culturais, éticas e estéticas ocorridas na segunda metade do século XX. No decorrer do semestre expandimos esse recorte ao século XXI, ao que hoje vivenciamos, privilegiando sujeitos que trafegam nas margens da sociedade, confrontando modos de existência hegemônicos, subvertendo-os, inventando novas perspectivas de ser, agir, pensar, vestir.

Os encontros semanais configuraram-se um espaço, onde, em conjunto com os alunos, desfilaram uma série de ‘corpos estranhos’ inspirados pelo pensamento trazido pela Professora, Doutora em Educação Guacira Lopes Louro, cujo livro ‘Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer’ (2004) entende o *queer* como ‘estranho, raro, esquisito’ e também ‘sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado’ (LOURO, 2004, p. 7).

Identificados com o pensamento *queer* proposto pela autora, indagamos se não poderíamos estender essa formulação a todos os sujeitos que desviam das direções planejadas socialmente e se aventuram a problematizar e desobedecer os modos de existir e vestir. Nossa intenção não era utilizar a rubrica *queer* apenas numa perspectiva de gênero e sexualidade, mas sobretudo explorar a potência desse pensamento dissidente que oferece ferramentas para contestar modos de conhecer e existir que se pretendem universais.

Em nossos quinze encontros durante a disciplina, a sala de aula foi habitada por figuras transgressoras e inconformadas com a norma social comum: *flâneurs*, *punks*, drag queens, transexuais, travestis, bichas, intersexuais, pessoas em trânsito, homens de vagina, ‘masculinidades não

4





fundadas no pênis' (MOIRA, 2017, p. 37). Suas origens, naquele momento, pouco importavam: eram considerados os exemplos, mostrados através de documentários, videoartes, textos literários, artísticos e acadêmicos, relatos pessoais. Valemo-nos também da vivência daqueles alunos que se identificavam não só com a rubrica *queer*, como também procuravam para si mesmos – ainda que não estivessem diretamente em contato com o termo *queer*, uma vida que incorporasse conceitos abertos, alargados e desaferrolhados, em que a montagem do corpo importava mais do que o resultado final, a aceitação e pertencimentos às normas. Afinal, como nos informa Guacira Lopes Louro,

Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecifrável. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004, p. 8)

Ao observarmos essa fala da autora, que considera primeiramente o *queer* enquanto conceito e ideia que pode ser desmembrada como exercício e forma de experimentação (LOURO, 2004), o recorte que propusemos, que transitou entre o século XX e estas primeiras décadas do século XXI, tinha como intenção (mais em um formato lúdico e comparativo do que historiográfico), lançar proposições sobre os efeitos de alargamento de conceitos tanto na moda, quanto nos modos de vida, que partiam desses sujeitos e grupos sociais que contestavam outros lugares para si dentro dos contextos sociais e das cidades. Talvez mais que isso: buscamos por aqueles sujeitos que, à sua maneira, puderam experimentar outros jeitos de vestir, outras temporalidades e intencionalidades ao habitar o espaço público, montando e mapeando aquilo que queriam para seu corpo influenciados pela vida, pela rua, pelo coletivo, pela situação política em que se encontravam. Cabe lembrar aqui da formulação de Paul Zumthor, que considera o corpo-



performance como 'materialização daquilo que me é próximo, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo.' (ZUMTHOR, 2014, p. 27).

Partimos, com isso, para uma proposta de olhar o entorno, considerar a cultura, a produção de subjetividades e individualidades, enquanto potentes formadores do corpo que cuidamos, habitamos, alteramos e montamos de acordo com os agenciamentos de desejo que vamos fazendo. O que podem os corpos estranhos? Como transitam socialmente? Qual sua relação com a moda e de que forma utilizam o vestir como modalidade de expressão? Ainda que não se pretenda responder aqui, neste curto espaço, a todas essas perguntas, elas ressoam em nós. Fomos instigados durante as aulas a nos formular essas perguntas. Cabe então formulá-las.

Da *flânerie* à experiência: corpos e suas ações poéticas e políticas

Lecionar em um Instituto de Artes e Design é, a princípio, tanto um convite à desconstrução de conceitos pretensiosamente universais, quanto oportuno ato de dar passagem e voz a existências que lá frequentam e que se pretendem múltiplas, que se intencionam plurais e contêm em si anseios de liberdades subjetivas que miram uma individualidade criativa. Partindo da observação do entorno e dos outros (os muitos outros: os famosos e os anônimos, os invisíveis, os colegas, os opostos, aqueles que tangenciam nossos modos de existir, aqueles que nos são próximos e caros) propusemos a tais existências-muitas – que compunham a turma de cerca de 45 alunos da disciplina Moda e Sociedade Contemporânea – um exercício de flanagem pela cidade, tomando a figura do *flâneur* como aquele que já no século XX subverte os modos acostumados e automatizados de circular pelas cidades.

Apropriando-nos da perspectiva *flâneur*, a proposta para a disciplina era que cada um pudesse se transformar momentaneamente em flanêur e



considerar, para trabalhar moda e sociedade contemporânea, aquilo que Walter Benjamin apontou como essencial para se observar na perambulação: a cidade, a multidão, o capitalismo. Essa, então, tornou-se uma “metodologia” para observação e aprendizado: o *flâneur* é um farejador de instantes, ele se abre aos encontros, de olhos e ouvidos abertos ao que lhe rodeia, ao que lhe acontece. Consideramos o flâneur um subversivo, pois, de acordo com o filósofo Frédéric Gros

ele subverte a multidão, a mercadoria e a cidade, *bem como seus valores*. [...] O ato de caminhar do flâneur é mais ambíguo, sua resistência à modernidade, ambivalente. Subversão não é opor-se, mas contornar, desviar, exagerar até deturpar, aceitar até ultrapassar. (GROS, 2009, p. 179)

O convite à *flânerie* aconteceu em sala de aula através de uma seleção de ‘corpos estranhos’ que habitam a rua e as produções – tanto artísticas quanto de moda, quanto de si – e têm a força dos tais corpos estranhos aos quais alude o livro de Guacira Lopes Louro. É oportuno aqui mencionar o trabalho ‘Corpos Estranhos’, de Matheusa Passareli, artista e ex-aluna da UERJ que foi brutalmente assassinada no início do primeiro semestre de 2018, período em que nossas aulas aconteciam. De acordo com a artista, ‘ser corpo estranho é ser cidadão’, já que

na sociedade normativa acadêmica branca colonizada cisgênero heterossexual consumista.
ser corpo estranho é ter tomado consciência da importância de existir, quando desde criança viver no mundo era seguir padrões em detrimento de sua própria natureza. detrimento do bem estar de ser quem quiser. da liberdade de poder habitar.⁴

Matheusa representa uma tomada de consciência sobre a importância de existir, em discurso que se aproxima ao de Linn da Quebrada, que apresentamos no princípio do texto. Ambos revelam um enraizamento forte na observação dos entornos, da realidade social e do coletivo, com atenção aos

⁴ Trecho extraído de um poema da artista, disponível em: <http://sxpolitics.org/ptbr/corpo-estranho-por-matheusa-passareli/8349>. Acesso em 28 de julho de 2018.



corpos que diariamente são castrados e violentados por não poderem *ser*. Linn se autodenomina ‘terrorista do gênero’⁵ e se junta a muitas outras vozes que consideram o ‘corpo estranho’ como armadura de batalha e se apropriam dos discursos que deslocam conceitos como a estranheza, o terrorismo, a subversão, os desvios e a deturpação. Essas palavras se tornam imprescindíveis para ‘abandonar qualquer pressuposto de um sujeito unificado, que vá se desenvolvendo de modo linear e progressivo’ (LOURO, 2004, p. 12), limitando suas expectativas e projeções para si na medida em que cumpre etapas e supera obstáculos.

Os ‘corpos estranhos’ buscam por certo processo de formação que, contrário à linearidade, caracterizam-se ‘por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante’ (LOURO, 2004, p. 13).

O que a gente está fazendo não é necessariamente novo, nós não somos pioneiras. Além de tudo, tem outras pessoas que estão fora da lente midiática e que estão produzindo coisas tão interessantes quanto nós e tão relevantes, senão até mais. Muitas outras pessoas, de uma forma ou de outra, já estavam pondo em xeque essas normas, já estavam implodindo e fazendo um *bug* no sistema. Ficou insustentável pra grande parte das pessoas e pra mídia, principalmente, fingir que nós não existimos. (DA QUEBRADA apud TRÓI, 2017).

Um ‘corpo estranho’ é, então, observado em meio à paisagem de uma cidade, ele contorna aquele que é descolado do cenário em que se insere, buscando alargar entre as pessoas a percepção sobre até onde um corpo pode se montar e se forçar a ir, nos convocando a pensar maneiras novas de notar as diferenças.

⁵ Tal denominação, inclusive, dá título a uma entrevista concedida pela artista à Revista Cult em Agosto de 2017, disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada> Acesso em 28 de julho de 2018.



Estabelecemos então nossa experiência de *flânerie* – observar aquilo que nos interessa em nossos itinerários, passeios, compromissos e rotinas e que desperta interesse à moda como ferramenta para possibilidades de devires. Indagamos se o vestir não poderia ser visto como forma de reivindicação dos olhares alheios, bem como estratégia de deslocamento desses olhares, acostumados à padronização e às tendências de moda enquanto ditadoras de estilos. Em uma era de ‘hipetrofia do eu’ e ‘arsenais midiáticos’, como aponta a ensaísta argentina Paula Sibília (2016, p. 14), tal busca pela diferenciação e individualidade pode parecer mais um sintoma pós-moderno trazido pelas gerações X e Y ao século XXI.

Porém, enxergamos nos processos de individuação desses ‘corpos estranhos’ uma potência que diz o contrário: a individuação, para eles, está desatrelada à conformidade e ao beabá social sobre como habitar os anos 2000 e poucos. A individuação, aqui, é marca de dissidência: dissidência social, dissidência de gênero, dissidência em relação à moda, dissidência relativa a como deve agir e se portar um sujeito. Segue a premissa posta por Guacira Lopes Louro de não ambicionarem o centro, e sim desafiar as normas regulatórias da sociedade, abrindo margem para conquistar uma forma de tratarem a si mesmos com liberdade.

Tratamos em sala de aula de exemplos de ‘corpos estranhos’ e desviantes que, no entanto, desviavam para nunca mais retornar à norma, aos padrões sociais, desenvolvendo uma montagem de si que mais aponte para seus próprios desejos do que para uma expectativa de conformação perante os binarismos homem x mulher, feminino x masculino. Esses corpos se colocam na fronteira e na fronteira enxergam espaço de criação e livre trânsito. Mas, afinal quem são esses ‘corpos estranhos’, nos perguntávamos?



Corpos estranhos, de passagem, corpos dissidentes, fora do armário

Gostaríamos de destacar alguns exemplos que foram apresentados para a turma de Moda e Sociedade Contemporânea. A prática de exibição de documentários e relatos trouxe maior vivência e destacou a dimensão política do conceito de ‘corpos estranhos’, que foi sendo desmembrado ao longo do semestre. Reforçamos que o termo era utilizado de maneira positiva e de forma alguma tais figuras eram denominadas desta maneira de forma a exotizá-las, descolá-las do todo para que se tornassem um outro intangível, intragável. Eram exemplos que apresentavam uma potência dissipadora de conceitos hegemônicos e paradigmas instalados.

A moda, a roupa, o vestir, ativam-se aqui como detalhes de uma observação corporal, e tanto ajudam a definir esses muitos modos de ser, quanto auxiliam positivamente numa diferenciação contestadora de novos territórios possíveis. Fazem-se essenciais na montagem desses corpos que transgridem e esquivam-se de quaisquer definições e conceituações prévias. Moda, roupa e vestir, deslocadas de seus lugares costumeiros (‘roupa de homem’, ‘roupa de mulher’, etc), auxiliam a implodir e modificar visões que regem o comportamento social.

Em “O escolhido foi você”, publicado em 2013 pela editora Cia. das Letras, a diretora de cinema e artista visual Miranda July inicia uma “*flânerie*” pessoal curiosa: através de anúncios de classificados de um jornal americano, procurou por pessoas que vendessem itens pouco usuais, destoantes daquilo que se espera encontrar em anúncios de jornal, no intuito de entrevistá-las e, por instantes, fazer parte de suas vidas. Em sua primeira incursão, vai até a casa de um sujeito chamado Michael, que, de acordo com sua descrição, era ‘um homem de sessenta e muitos anos, troncado, ombros largos, nariz de

batata, uma blusa fúcsia, peitos, batom cor-de-rosa' (JULY, 2013, p.16). Ele vendia uma jaqueta de couro surrada, cobrava poucos dólares.

Através da linguagem empregada, July já nos apresenta uma construção descritiva que torna problemática a adequação à identidade da personagem: as características do que seria socialmente um homem cisgênero logo desabam quando lemos que possui peitos e usa batom. Para muitas pessoas, com valores mais conservadores, a descrição se torna complicada a partir do momento em que um homem usa 'blusa fúcsia'.

Michael, ao abrir a porta, faz questão de declarar 'com toda a calma estar passando por uma mudança de sexo' (JULY, 2013, p. 16) e, ainda completa, ao ser entrevistado: 'Ah, bom, eu soube quando era criança, mas passei a vida inteira no armário. Saí em 1996 e depois voltei, mas desta vez não vou voltar para o armário. Vou até o fim com a minha transformação' (JULY, 2013, p. 19).

Figura 1: Michael, em frame retirado do making of do livro 'O escolhido foi você' (2013)



Michael representa, para nós, enquanto exemplo, as múltiplas formas e escolhas pelas quais um corpo pode passar em vida. Em trânsito, ele procura resolver-se consigo mesmo sobre aquilo que lhe cabe e que gostaria de poder ser. Um 'corpo estranho' apresenta rastros de sua trajetória marcados na pele,



nos trejeitos, nas escolhas de vestuário. Parece-nos que há certa atenção por parte dessas pessoas em relação à maneira como gostam de se apresentar socialmente: nada é em vão, cada detalhe pode potencialmente representar certa resistência aos códigos sociais vigentes.

Encontramos na cartunista Laerte – que iniciou sua aproximação gradativa ao travestismo entre 2004 e 2005 – alguns pontos de resistência semelhantes ao de Michael. Em entrevista à Folha de São Paulo, Laerte aparece ‘de salto médio, meias coloridas, maquiagem leve e namorada a tiracolo’. Ela afirma não se sentir ‘fora do eixo, fora do tom, fora de nada’. A cartunista ressignificou seu papel na contracultura brasileira, que já vinha desempenhando desde os anos 1970, com seus quadrinhos e tirinhas de cunho satírico e político em parceria com outros dois cartunistas, Angeli e Glauco. Agora, representa uma personagem que habita e faz seu lugar na mídia nacional e está no front da luta contra a ditadura de gêneros no Brasil.

Não faço isso porque a vida está sem graça. O problema é a vida submetida a essa ditadura dos gêneros, a esses tabus que não podem ser quebrados. É você sentir que sua liberdade está sendo tolhida, que as possibilidades infinitas que você tem de expressão na vida, ao sair, ao se vestir, ao se manifestar, ao tratar as pessoas, seu modo, seu gestual, sua fala, tudo isso é cerceado e limitado por códigos muito fortes e muito restritos. Isso é uma coisa que me incomoda.⁶

⁶ A entrevista encontra-se disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411201012.htm> Acesso em 31 de julho de 2018.



Figura 2: Cartunista Laerte Coutinho



Laerte é uma das muitas personagens que frequentam o documentário 'De gravata e unha vermelha' (2015), dirigido pela cineasta e psicanalista Miriam Chnaiderman, exibido em sala de aula para os alunos em um momento da disciplina. A diretora viu-se diante do desafio de mergulhar em territórios difusos, esgarçados, complexos, em que sexualidade e binarismos de gênero não se encontram bem definidos e fazem parte de um espectro amplo e variado: 'corpos que cenografam seu cotidiano minuto a minuto' (CHNAIDERMAN, 2017, p. 318). Foram feitas entrevistas com homossexuais, transexuais, travestis, transgêneros e indivíduos que transitam entre as possibilidades de montagens corporais que os gêneros e sexualidades múltiplas permitem. No elenco encontram-se Rogéria, Ney Matogrosso, Dudu Bertholini, Leticia Lanz, João W. Nery, além de outros sujeitos que, ao contrário dos antes citados, são anônimos, e passamos a conhecê-los e habitar temporariamente suas vidas e histórias através da escuta de Chnaiderman, que une todos pela premissa desviante de comportamentos normativos.

De um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada, Extraviam-se. Põem-se à deriva. Podem encontrar nova posição,



outro lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Atravessam fronteiras ou adiam o momento de cruzá-las. (LOURO, 2004, p. 19)

‘De gravata e unha vermelha’ retratou uma múltipla curiosidade em afinar o olhar e a escuta, curiosidade de ‘ser fisgada pelo mundo’, como coloca Chnaiderman (2017, p. 316). Alguns outros documentários e relatos afetivos também movimentaram a disciplina. Dentre eles, ‘Dzi Croquettes’ (2009), que retrata a trajetória do grupo de teatro e dança de mesmo nome que atravessou a ditadura brasileira com humor, irreverência e crítica: ‘além de ser um grupo de estética cênica arrojada, foi um movimento de rompimentos e mudanças radicais que questionaram um padrão hegemônico de masculinidade’ (THÜRLER; TRÓI; GARCIA, 2017, p. 26).

Figura 3: o grupo de teatro e dança Dzi Croquettes



Os dzis foram assim, contaminaram uma geração inteira com seu desbunde e anarquia, viraram estado de espírito, modo de viver, influenciaram a linguagem e o comportamento, quebraram paradigmas e foram queer quando ainda não sabíamos a dimensão política do termo (THÜRLER; TRÓI; GARCIA, 2017, p. 26).

Impossível agir com passividade diante de tais forças dilatadoras. A exemplificação era sempre um momento de reflexão profícua entre nós e os



alunos, pois nos auxiliava a vislumbrar tudo aquilo que é posto primeiramente enquanto discussão aberta a múltiplas considerações. Muitos alunos viam a si mesmos com potência para habitar os espectros difusos dos gêneros e sexualidades múltiplas, agregando para si um 'jeito' *queer* de agir e de se colocar no mundo. Retomamos Guacira Lopes Louro, nossa bússola, que procura alargar o uso do termo *queer*, propondo novas articulações para além de sexualidade e gênero: 'a irreverência e a disposição antinormalizadora da teoria queer me incitam a jogar com suas ideias, sugestões, enunciados e a testá-los no campo (usualmente normalizador da educação' (LOURO, 2004, p. 7).

Pensamos, então, um jeito nosso de unir a flanagem, a rua, e os sujeitos que desviam: flunar é tanto se expor quanto ser exposto a muitos. A rua pode ser um espaço em que nos abrimos aos outros e às diferenças: observar, no bloco da multidão, pluralidades e dissidências, para criarmos uma outra forma de enxergar as generalizações e o outro. A rua, ao invés de espaço de pressa e intolerância, pode ser espaço de vislumbres. Muitas vezes, uma peça de roupa, um acessório deslocado de seu 'corpo normalizado de origem', um estilo extravagante, fluido, agressivo ou contestador de alguém nos abre portas para repensar o entorno, a cidade, nós mesmos.

Uma flânerie de si mesmo

Cada época de cada século apresentou seus corpos desviantes das normas e padrões reguladores, que aqui trazemos sob a denominação de 'corpos estranhos'. A História e a Moda captaram alguns desses sujeitos: os *punks*, os tropicalistas, os *hippies*, os *queers*. Como Louro afirma e reforça sempre em sua obra, podemos olhar para esses sujeitos através da teoria *queer*, que é um pensamento de entre-lugares. O *queer* é fascinante e



surpreendente; o *queer*, muito mais do que uma discussão que abarca gênero e sexualidade, existe como ideia e potência: pode se ativar enquanto uma política pós-identitária de observação e modo de agir que abandona os pressupostos de unificação de um sujeito, que vá se desenvolvendo de modo linear, progressivo e pouco questionador dos caminhos que segue, como pregam as teorias humanistas.

Utilizamos o *queer*, os ‘corpos estranhos’, em experiências de sala de aula, por acreditarmos em suas possibilidades de desarranjos, desvios. Também como possibilidades de encontros, misturas, desencontros, que aproximam de nós o outro-longínquo, o outro que não nos cabe, a alteridade que não cabe em nossa ‘euteridade’ e nem é por nós enxergada ou considerada.

Através de documentários e relatos, fomos também apresentados, lado a lado com figuras conhecidas do cenário brasileiro, como Dudu Bertholini e Rogéria, a figuras anônimas, que desempenham inúmeros papéis sociais. Tudo é aporte para tudo: contrastes, semelhanças, dissidências e dissonâncias de aparência, discursos, posturas e intencionalidades perante a si mesmos e os próprios corpos.

Para além de uma discussão sobre tendência, optamos por tratar os desvios propostos pelo *queer* e seus ‘corpos estranhos’ como modos de vida e de ação, que oscilam e variam de acordo com um comprometimento ético desses sujeitos consigo mesmos; os valores que lhes cabem e aqueles a que desejam se opor, ou que apenas contornam com irreverência, humor, crítica e sátira. Em sua sensibilidade, esses sujeitos compartilham entre si uma produção de consciência. Como não aspiram ao centro, à norma, e nem deles desejam fazer parte domando e adequando seus corpos, optam por transitar entre as fronteiras e não preveem tornar-se eles mesmos uma nova norma,



conceito único e fechado: rejeitam veementemente tudo aquilo que homogeniza, regula ou contesta um jeito só de ser livre e cuidar de si.

A flangem, ou *flânerie*, é uma breve viagem. Louro trata a viagem como, entre muitas coisas, cruzamentos de fronteiras: ‘arriscar-se por caminhos não traçados’ (2004, p. 16), oportunidade em que podemos desviar de rotas traçadas. Esperamos que, com esse convite proposto como “metodologia” – tanto de ensino, quanto de contágio e empatia – tenhamos conseguido despertar em nossos viajantes um novo olhar, um olhar atento à alteridade e aos ‘corpos estranhos’, reverberados pelas inúmeras possibilidades de casar visualidade, aparência e conceituação em prol da diferenciação que não é cega e pretende contestar lugares-comuns e fazer com que os indivíduos criem maior liberdade de falarem sobre si mesmos, cuidarem de si mesmos. Afinal, quem sabe abrir-se para a flangem não seja, antes de mais nada, uma forma de flangem sobre nós mesmos, sobre nossa superfície corporal e nossa interioridade questionadora, mutável, múltipla.

Referências Bibliográficas, Cinematográficas e Musicais

BLANCA, Rosa Maria. Quem tem receio da arte queer? In: Revista Cult. São Paulo, n. 226, p. 40-44, Agosto de 2017.

CHNAIDERMAN, Miriam. Uma escuta-olhar: a experiência do cinema. In: RIVERA, Tania; CELES, Luiz Augusto M; SOUSA, Edson Luiz André de (Org). Psicanálise. Ensaios Brasileiros Contemporâneos. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2017.

DA QUEBRADA, Linn. Pajubá. São Paulo: lançamento independente, 2017.

DE GRAVATA E UNHA VERMELHA. Direção: Miriam Chnaiderman. IMOVISION, 2015. 1 DVD, 1h 26 min.

DZI CROQUETTES. Direção: Raphael Alvarez, Tatiana Issa. Canal Brasil e Tria Productions 2009. 1 DVD, 1h 50 min.



FINOTTI, Ivan. Acho possível sair na rua e ser aceita dessa maneira. Disponível em < <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411201012.htm> > Acesso em 31 de julho de 2018.

GROS, Frederic. Caminhar: uma filosofia. São Paulo: É Realizações, 2009.

JULY, Miranda. O escolhido foi você. São Paulo: Cia. Das Letras, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. Um Corpo Estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOIRA, Amara. Quem pode se dizer homem? In: Revista Cult. São Paulo, n. 226, p. 36-39, Agosto de 2017

SIBILIA, Paula. O Show do Eu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

THÜRLER, Djalma; TRÓI, Marcelo de; GARCIA, Paulo César. Outras cenas de enfrentamento, ontem e hoje. In: In: Revista Cult. São Paulo, n. 226, p. 24-27, Agosto de 2017.

TRÓI, Marcelo de. Ficou insustentável fingir que nós não existimos. Disponível em < <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-linn-da-quebrada/> > Acesso em 31 de julho de 2018.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

